PROPOSTA SÔBRE A LINHA GERAL DO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL

**RESPOSTA DO
COMITÊ CENTRAL DO
PARTIDO COMUNISTA DA CHINA
À CARTA DO
COMITÊ CENTRAL DO
PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA
DE 30 DE MARÇO DE 1963**

EDIÇÕES EM LINGUAS ESTRANGEIRAS

PEQUIM

PROPOSTA SÔBRE A LINHA GERAL DO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL

RESPOSTA DO
COMITÊ CENTRAL DO
PARTIDO COMUNISTA DA CHINA
À CARTA DO
COMITÊ CENTRAL DO
PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA
DE 30 DE MARÇO DE 1963

EDIÇÕES EM LÍNGUAS ESTRANGEIRAS
PEQUIM 1963

Impresso na República Popular da China
Printed in the People's Republic of China

PROPOSTA SÔBRE A LINHA GERAL DO MOVIMENTO COMUNISTA INTERNACIONAL

RESPOSTA DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA CHINA À CARTA DO COMITÊ CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA DA UNIÃO SOVIÉTICA DE 30 DE MARÇO DE 1963

(14 de junho de 1963)

Ao Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética

Queridos camaradas:

O Comitê Central do Partido Comunista da China estudou a carta do Comitê Central do Partido Comunista da União Soviética de 30 de março de 1963.

Todos os que se preocupam pela unidade do campo socialista e do movimento comunista internacional dedicam especial atenção às conversações que se realizarão entre o PCCh e o PCUS e esperam que contribuam para aplainar as divergências e fortalecer a unidade e criem condições favoráveis à convocação de uma conferência de representantes de todos os partidos comunistas e operários.

Salvaguardar e fortalecer a unidade do movimento comunista internacional é o dever sagrado comum de todos os partidos comunistas e operários. O PCCh e o PCUS têm uma responsabilidade ainda maior pela unidade de todo o campo socialista e de todo o movimento comu-

nista internacional, cabendo-lhes, naturalmente, desenvolver maiores esforços nesse sentido.

Verifica-se atualmente tôda uma série de importantes divergências de princípio no movimento comunista internacional. Entretanto, por mais sérias que sejam estas divergências, devemos buscar, com a máxima paciência, o caminho de seu aplainamento, a fim de unir nossas fôrças e fortalecer a luta contra nosso inimigo comum.

É com êste sincero desejo que o CC do PCCh encara as próximas conversações entre o PCCh e o PCUS.

Em sua carta de 30 de março, o CC do PCUS expôs sistemàticamente seus pontos de vista sôbre os problemas que devem ser discutidos nas conversações entre o PCCh e o PCUS e formulou, particularmente, o problema da linha geral do movimento comunista internacional. Nesta, gostaríamos de propor também nossos pontos de vista sôbre a linha geral do movimento comunista internacional e sôbre alguns problemas de princípio com ela relacionados.

Esperamos que esta exposição de nossos pontos de vista contribua para a compreensão mútua entre nossos dois partidos e facilite uma pormenorizada discussão, ponto por ponto, nas conversações entre ambos os partidos.

Esperamos, além disso, que esta exposição contribua para que os partidos irmãos compreendam nossos pontos de vista e que se efetue um pleno intercâmbio de opiniões na conferência internacional dos partidos irmãos.

1 — A linha geral do movimento comunista internacional deve basear-se na teoria revolucionária marxista-leninista sôbre a missão histórica do proletariado, dela não devendo afastar-se.

As Conferências de Moscou de 1957 e 1960 adotaram as duas Declarações, após ampla troca de opiniões, tratando de obter a unanimidade através de consultas. Estes dois documentos assinalam os traços característicos de nossa época e as leis gerais da revolução e da edificação socialistas e definem a linha comum de todos os partidos comunistas e operários. Constituem o programa comum do movimento comunista internacional.

Durante os últimos anos, no movimento comunista internacional, registraram-se efetivamente compreensão e atitude distintas quanto às Declarações de Moscou de 1957 e de 1960. Aqui, o problema central consiste em reconhecer ou não os princípios revolucionários das duas Declarações. Em última análise, trata-se de reconhecer ou não a verdade universal do Marxismo-leninismo, reconhecer ou não a significação universal do caminho da Revolução de Outubro, reconhecer ou não a necessidade de que façam a revolução os povos que ainda vivem sob o sistema imperialista e capitalista, e que constituem dois terços da população mundial, e reconhecer ou não a necessidade de que os povos que já empreenderam o caminho socialista, e que constituem um terço da população mundial, levem sua revolução até o fim.

Transformou-se agora em tarefa importante e imediata do movimento comunista internacional a defesa decidida dos princípios revolucionários das duas Declarações de Moscou de 1957 e de 1960.

Sòmente persistindo na doutrina revolucionária do Marxismo-leninismo e no caminho comum da Revolução de Outubro, pode-se ter uma compreensão correta dos princípios revolucionários das duas Declarações de Moscou e uma atitude justa para com as mesmas.

2. — Quais são os princípios revolucionários das duas Declarações de Moscou? Em síntese, são os seguintes:

União dos proletários de todos os países; união dos proletários e povos e nações oprimidas; luta contra o imperialismo e os reacionários de todos os países; luta pela paz mundial, pela libertação nacional, pela democracia popular e o socialismo; consolidação e robustecimento do campo socialista; consecução paulatina da vitória total da revolução mundial proletária e estabelecimento de um novo mundo, sem imperialismo, sem capitalismo e sem exploração.

Em nossa opinião, esta é a linha geral do movimento comunista internacional na etapa contemporânea.

3 — Esta linha geral parte da real situação do mundo em seu conjunto e de uma análise de classe das contradições fundamentais no mundo contemporâneo e dirige-se contra a estratégia global contra-revolucionária do imperialismo norte-americano.

Tendo o campo socialista e o proletariado internacional como núcleo, esta linha geral destina-se a formar uma ampla frente única contra o imperialismo e as fôrças reacionárias encabeçadas pelos EE.UU., destina-se a mobilizar com audácia as massas, desenvolver as fôrças revolucionárias, ganhar as fôrças intermediárias e isolar as fôrças reacionárias.

Esta linha geral é pela decidida luta revolucionária dos povos e visa levar até o fim a revolução mundial proletária; visa também lutar, da maneira mais eficaz, contra o imperialismo e em defesa da paz mundial.

Reduzir unilateralmente a linha geral do movimento comunista internacional à "coexistência pacífica", à "emulação pacífica" e à "transição pacífica" significa violar os princípios revolucionários das Declarações de Moscou de 1957 e 1960, mandar para os quintos a missão histórica da

revolução mundial do proletariado e afastar-se da doutrina revolucionária do Marxismo-leninismo.

A linha geral do movimento comunista internacional deve refletir as leis gerais que regem o desenvolvimento da história mundial. A luta revolucionária do proletariado e do povo de cada país atravessa diferentes etapas e tem seus traços peculiares, porém, nunca se afasta das leis gerais que regem o desenvolvimento da história mundial. Esta linha geral deve indicar o rumo fundamental para a luta revolucionária do proletariado e dos povos de todos os países.

É de extrema importância que, ao elaborar sua linha e sua política concretas, todos os partidos comunistas e operários atenham-se firmemente ao princípio de conjugar a verdade universal do Marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução e da edificação dos respectivos países.

4 — O ponto de partida para definir a linha geral do movimento comunista internacional é uma concreta análise de classe da política e da economia mundiais em seu conjunto e das condições concretas do mundo, isto é, das contradições fundamentais no mundo contemporâneo.

Quem fizer conjeturas subjetivas, fugindo a uma concreta análise de classe ou aferrando-se, ao acaso, a certos fenômenos superficiais, não poderá, de maneira nenhuma, chegar a conclusões corretas a respeito da linha geral do movimento comunista internacional e enveredará inevitàvelmente por um caminho inteiramente diverso do Marxismo-leninismo.

Quais são as contradições fundamentais no mundo contemporâneo? Os marxistas-leninistas sustentam invariàvelmente serem as seguintes:

— a contradição entre o campo socialista e o campo imperialista;

— a contradição entre o proletariado e a burguesia nos países capitalistas;

— a contradição entre as nações oprimidas e o imperialismo;

— a contradição entre os países imperialistas e entre os grupos monopolistas.

A contradição entre o campo socialista e o campo imperialista é uma contradição entre dois sistemas sociais fundamentalmente diversos — o socialismo e o capitalismo. Esta é, sem dúvida, uma contradição muito aguda. Entretanto, os marxistas-leninistas não devem reduzir pura e simplesmente as contradições existentes no mundo à contradição entre o campo socialista e o campo imperialista.

Alterou-se a correlação de fôrças no mundo, tornando-se cada vez mais favorável ao socialismo e aos povos e nações oprimidas e cada vez mais desfavorável ao imperialismo e aos reacionários de todos os países. Não obstante, continuam existindo objetivamente as contradições acima enumeradas.

Tais contradições, assim como as lutas por elas engendradas, estão vinculadas entre si e influem umas sôbre as outras. Ninguém pode negar nenhuma destas contradições fundamentais nem substituir, subjetivamente, por uma delas, tôdas as demais.

Tais contradições, inevitàvelmente, darão origem às revoluções dos povos e são estas as únicas que podem resolvê-las.

5 — No problema das contradições fundamentais do mundo contemporâneo, devem ser submetidos à crítica os errôneos pontos de vista que consistem em:

a) negar o conteúdo de classe da contradição entre o campo socialista e o campo imperialista e nela não ver uma contradição entre os estados de ditadura do proletariado e os estados de ditadura da burguesia monopolista;

b) reconhecer tão sòmente a contradição entre o campo socialista e o campo imperialista, desatendendo ou subestimando as contradições entre o proletariado e a burguesia no mundo capitalista, entre as nações oprimidas e o imperialismo, entre os países imperialistas e entre os grupos capitalista-monopolistas, assim como as lutas resultantes dessas contradições;

c) sustentar que a contradição entre o proletariado e a burguesia no mundo capitalista pode resolver-se sem uma revolução proletária em cada país e que a contradição entre as nações oprimidas e o imperialismo pode resolver-se sem a revolução das nações oprimidas;

d) negar que o desenvolvimento das contradições inerentes ao mundo capitalista contemporâneo leva inevitàvelmente a uma nova situação na intensa luta entre os países imperialistas e acreditar que a contradição entre os países imperialistas pode ser superada e inclusive eliminada, através da "conclusão de acôrdos internacionais entre os grandes monopólios";

e) sustentar que a contradição entre os dois sistemas mundiais — o socialismo e o capitalismo — desaparecerá automàticamente no curso de uma "emulação econômica", que as demais contradições fundamentais no mundo serão automàticamente eliminadas, à medida que despareça a contradição entre os dois sistemas, e que surgirá um "mundo sem guerras", um novo mundo de "cooperação geral".

É óbvio que estes pontos de vista incorretos conduzem inevitàvelmente a uma política errônea e maléfica e,

portanto, acarretam, de uma maneira ou de outra, reveses e prejuízos para a causa dos povos e do socialismo.

6 — Depois da II Guerra Mundial, operou-se uma transformação fundamental na correlação de fôrças entre o imperialismo e o socialismo. A característica fundamental desta transformação reside no fato de que já existe no mundo, em vez de um só, uma série de países socialistas, formando um poderoso campo socialista e que os povos que empreenderam o caminho do socialismo já somam, em vez de 200 milhões, um bilhão de habitantes, ou seja, uma terça parte da população mundial.

O campo socialista é produto da luta do proletariado internacional e dos demais trabalhadores. Pertence não apenas aos povos dos países socialistas mas também ao proletariado internacional e a todos os trabalhadores.

As reivindicações comuns dos povos do campo socialista, do proletariado internacional e dos demais trabalhadores consistem principalmente em que os partidos comunistas e operários dos países do campo socialista devem:

— ater-se firmemente à linha marxista-leninista e aplicar uma acertada política interna e externa marxista-leninista;

— consolidar a ditadura do proletariado e a aliança operário-camponesa, dirigida pelo proletariado, levar até o fim a revolução socialista nas frentes econômica, política e ideológica;

— desenvolver a iniciativa e a faculdade criadora das grandes massas populares, levar a cabo planificadamente a edificação socialista, desenvolver a produção, melhorar as condições de vida do povo e consolidar a defesa nacional;

— fortalecer a unidade do campo socialista, com base no Marxismo-leninismo, e levar à prática o apoio recíproco

entre os países socialistas, com base no internacionalismo proletário;

— lutar contra a política de agressão e guerra do imperialismo e defender a paz mundial;

— lutar contra a política anti-comunista, anti-popular e contra-revolucionária dos reacionários de todos os países;

— ajudar as classes e nações oprimidas do mundo em suas lutas revolucionárias.

Satisfazer a estas reivindicações é dever dos partidos comunistas e operários do campo socialista para com seus próprios povos, com o proletariado internacional e os demais trabalhadores.

Satisfazendo a estas reivindicações, o campo socialista pode exercer decisiva influência sôbre a marcha da história da humanidade.

Precisamente por esta razão, os imperialistas e os reacionários tratam invariàvelmente, e por mil e uma maneiras, de influir na política interna e externa dos países do campo socialista, tratam de socavá-lo e de quebrar sua unidade, sobretudo a unidade entre a China e a União Soviética. Tratam invariàvelmente de penetrar nos países socialistas e de subvertê-los e, inclusive, abrigam a vã esperança de destruir o campo socialista.

O problema da correta atitude do campo socialista constitue importantíssimo problema de princípio, colocado diante de todos os partidos comunistas e operários.

A união e a luta dos partidos comunistas e operários, com base no internacionalismo proletário, ocorrem agora sob novas condições históricas. Quando existia apenas um país socialista — e quando êste país, por aplicar firmemente uma linha e uma política marxistas-leninistas corretas, era objeto de hostilidade e de ameaças por parte de todos os imperialistas e reacionários —, defender decididamente

ou não êsse único país socialista era a pedra de toque do internacionalismo proletário para todos os partidos comunistas. Agora, existe um campo socialista integrado por treze países — Albânia, República Democrática Alemã, Bulgária, China, República Democrática Popular da Coreia, Cuba, Hungria, Mongólia, Polônia, Rumânia, Tchecoslováquia, União Soviética e República Democrática do Vietnã. Nestas circunstâncias, a pedra de toque do internacionalismo proletário para todos os partidos comunistas é defender resolutamente ou não o campo socialista em seu conjunto, defender ou não a unidade de todos os países dêste campo, com base no Marxismo--leninismo, e defender ou não a linha e a política marxistas-leninistas que os países socialistas devem aplicar.

Se alguém, em vez de seguir uma linha e uma política marxistas-leninistas acertadas e de defender a unidade do campo socialista, provoca tensões e cisões no seio dêste campo e inclusive segue a política dos revisionistas iugoslavos, trata de liquidar o campo socialista ou ajuda os países capitalistas a atacar os países socialistas irmãos, isto significa que êsse alguém atraiçoa os interêsses de todo o proletariado internacional e dos povos do mundo inteiro.

Se alguém, seguindo os passos de outros, defende a linha e a política errôneas e oportunistas aplicadas por algum país socialista, em lugar de defender a linha e a política corretas marxistas-leninistas que os países socialistas devem aplicar, e defende a política de cisão, em lugar de defender a política de unidade, isto significa que êsse alguém se afasta do Marxismo-leninismo e do internacionalismo proletário.

7 — Os imperialistas norte-americanos, aproveitando às condições surgidas depois da II Guerra Mundial, ocuparam

o lugar dos fascistas alemães, italianos e japoneses e vêm tratando de estabelecer um grande império mundial sem precedente na história. O objetivo estratégico do imperialismo norte-americano consiste sempre em agredir e controlar a zona intermediária que se estende entre os EE.UU. e o campo socialista, sufocar as revoluções dos povos e nações oprimidas e, assim, destruir os países socialistas, submetendo os povos e países de todo o mundo, inclusive os países aliados dos EE.UU., à escravidão e contrôle do capital monopolista norte-americano.

A partir do fim da II Guerra Mundial, os imperialistas norte-americanos vêm desenvolvendo uma campanha de propaganda para a guerra contra a União Soviética e o campo socialista. Há dois aspectos nesta campanha: por um lado, o imperialismo norte-americano prepara efetivamente esta guerra; por outro, utiliza esta campanha como cortina de fumaça para encobrir a opressão a que submete o povo norte-americano e a extensão de sua agressão contra o mundo capitalista.

A Declaração de Moscou de 1960 assinala:

> "O imperialismo norte-americano converteu-se no maior explorador internacional."
>
> "O principal baluarte do colonialismo contemporâneo são os EE.UU."
>
> "A principal fôrça de agressão e guerra é o imperialismo norte-americano."
>
> "O curso dos acontecimentos internacionais nos últimos anos forneceu muitas novas provas de que o imperialismo norte-americano é o principal baluarte da reação mundial e gendarme internacional, inimigo dos povos do mundo inteiro."

O imperialismo norte-americano leva adiante no mundo inteiro, sua política de agressão e guerra, porém, isto só pode levar a um resultado contrário ao que deseja, isto é, só pode acelerar o despertar dos povos e acelerar sua revolução.

Dêste modo, o imperialismo norte-americano colocou-se em posição contrária aos povos de todo o mundo e por estes ficou cercado. O proletariado internacional deve e pode unir tôdas as fôrças suscetíveis de serem unidas, aproveitar as contradições internas do inimigo e estabelecer a mais ampla frente única contra os imperialistas norte-americanos e seus lacaios.

O caminho realista e correto é confiar o destino dos povos, o destino da humanidade, à união e à luta do proletariado mundial e à união e à luta de todos os povos.

O contrário significa desorientar as massas, não distinguir entre inimigos, amigos e nós mesmos, e confiar o destino dos povos, o destino da humanidade, à colaboração com o imperialismo norte-americano. A falência desta ilusão ficou evidenciada pelos acontecimentos dos últimos anos.

8 — As vastas zonas da Ásia, África e América Latina são as regiões para onde convergem as contradições no mundo contemporâneo; são as mais vulneráveis das zonas sob o domínio imperialista e constituem os centros da tempestade da revolução mundial que atualmente assestam golpes diretos no imperialismo.

O movimento revolucionário democrático nacional nestas zonas e o movimento revolucionário socialista internacional são as duas grandes correntes históricas de nossa época.

A revolução democrática nacional nestas zonas é uma importante parte integrante da revolução proletária mundial de nossos dias.

A luta revolucionária antiimperialista dos povos da Ásia, África e América Latina golpeia e debilita sèriamente os alicerces do domínio imperialista, colonialista e neo-colonialista, e é atualmente uma poderosa fôrça em defesa da paz mundial.

Portanto, em certo sentido, a causa revolucionária do proletariado internacional em seu conjunto depende do desfecho da luta revolucionária dos povos dessas zonas, povos que constituem a esmagadora maioria da população mundial.

Portanto, a luta revolucionária antiimperialista dos povos da Ásia, África e América Latina não é, absolutamente, um assunto de mera significação regional mas de importância geral para a causa da revolução mundial do proletariado internacional em seu conjunto.

Agora há quem negue a grande significação internacional da luta revolucionária antiimperialista dos povos da Ásia, África e América Latina e, sob pretexto de eliminar as barreiras que dividem as pessoas segundo a nacionalidade, a côr da pele ou situação geográfica, tratam de negar a linha divisória entre as nações oprimidas e opressoras e entre os países oprimidos e os países opressores e procuram sufocar a luta revolucionária dos povos de tais zonas. Na realidade, tentam acomodar-se às necessidades do imperialismo e criar uma nova "teoria" para justificar o domínio do imperialismo nestas zonas e a promoção de sua política colonialista e neo-colonialista. Semelhante "teoria" não está destinada, verdadeiramente, a eliminar as barreiras que dividem as pessoas segundo a nacionialalidade, a côr da pele ou situação geográfica, mas

está destinada a preservar o domínio das chamadas "nações superiores" sôbre as nações oprimidas. É natural que esta falsa "teoria" seja recusada pelos povos de tais zonas.

A classe operária de todos os países socialistas e de todos os países capitalistas deve realmente levar à prática as combativas palavras de ordem "Proletários de todos os países, uni-vos!" e "Proletários e nações oprimidas de todo o mundo, uni-vos!", deve estudar a experiência revolucionária dos povos da Ásia, África e América Latina, apoiando decididamente suas atividades revolucionárias; deve considerar a causa da libertação dêsses povos como o mais seguro apoio à sua própria causa e como algo que diz respeito direto a seu próprio interêsse. Esta é a única maneira de derrubar as barreiras que dividem as pessoas segundo a nacionalidade, a côr da pele ou situação geográfica, e êste é o único e autêntico internacionalismo proletário.

A classe operária dos países capitalistas da Europa e da América não pode libertar-se sem aliar-se às nações oprimidas e sem a libertação destas últimas. Lenin tinha razão quando dizia:

"O movimento revolucionário nos países adiantados seria pràticamente um engano sem a completa e mais estreita união dos operários, na luta contra o capital na Europa e na América, com as centenas e centenas de milhões de escravos 'coloniais' oprimidos pelo capital."[1]

No movimento comunista internacional, agora há gente que adota uma atitude passiva, desdenhosa e negativa para com a luta das nações oprimidas pela libertação. Na realidade, estão protegendo os interêsses da burguesia

[1] "O II Congresso da Internacional Comunista", pag. 238, t. 31, Obras Completas de Lenin, versão chinesa.

monopolista, traíndo os interesses do proletariado e degenerando em social-democratas.

A atitude que se adote quanto à luta revolucionária dos povos asiáticos, africanos e latino-americanos é um importante critério para distinguir os revolucionários dos não revolucionários, assim como os que defendem realmente a paz mundial dos que alentam as fôrças de agressão e guerra.

9—As nações e povos oprimidos da Ásia, África e América Latina enfrentam a urgente tarefa de lutar contra o imperialismo e seus lacaios.

A história incumbiu os partidos proletários destas zonas da gloriosa missão de manter bem elevada a bandeira da luta contra o imperialismo, contra o colonialismo e o neo-colonialismo, pela independência nacional e pela democracia popular, colocar-se nas primeiras fileiras do movimento revolucionário democrático nacional e lutar pelo porvir socialista.

Nestas zonas, os mais amplos setores da população recusam-se a viver sob o jugo do imperialismo. Estes setores não compreendem sòmente os operários, camponeses, intelectuais e pequenos-burgueses mas também a burguesia nacional patriótica e até alguns reis, príncipes e aristocratas de sentimentos patrióticos.

O proletariado e seu partido devem ter confiança na fôrça das massas populares e, sobretudo, unir-se aos camponeses e estabelecer uma sólida aliança operário-camponesa. É de primordial importância que os elementos avançados do proletariado realizem atividades nas zonas rurais, ajudem os camponeses a organizar-se e elevar sua consciência de classe, e seu sentimento de dignidade nacional e a confiar em suas próprias fôrças.

O proletariado e seu partido devem, com base na aliança operário-camponesa, unir tôdas as camadas sociais possíveis de serem unidas e organizar uma ampla frente uníca contra o imperialismo e seus lacaios. Para consolidar e ampliar esta frente única, é necessário que o partido do proletariado conserve sua independência ideológica, política e orgânica, mantendo firmemente sua hegemonia na revolução.

O Partido do proletariado e as massas revolucionárias devem dominar tôdas as formas de luta, inclusive a luta armada. Devem empregar a fôrça armada revolucionária para derrotar a fôrça armada contra-revolucionária quando o imperialismo e seus lacaios recorram à repressão armada.

Os países nacionalistas que recém conquistaram a independência política ainda têm diante de si as árduas tarefas de consolidá-la, liquidar as fôrças do imperialismo e os reacionários internos, levar a cabo a reforma agrária e outras reformas sociais e desenvolver a economia e a cultura nacionais. Para êstes países, é de vital importância prática manter-se alerta e lutar contra a política neo-colonialista aplicada pelos velhos colonialistas, tratando de preservar seus interêsses, sobretudo contra o neo-colonialismo norte-americano.

Em alguns dêstes países, a burguesia nacional patriótica continua ao lado das massas populares na luta contra o imperialismo e o colonialismo e toma algumas medidas em benefício do progresso social. Isto exige que o partido do proletariado avalie plenamente o papel progressista da burguesia nacional patriótica e com ela consolide a unidade.

Em alguns países que recém conquistaram a independência, à medida que se aguçam as contradições sociais internas e a luta de classes na arena internacional, a burguesia, sobretudo a grande burguesia, tende cada vez mais a entregar-se ao imperialismo e a aplicar uma política antipopular, anticomunista e contra-revolucionária. É necessário que o partido do proletariado se oponha decididamente a semelhante política reacionária.

Em geral, a burguesia dêsses países têm um duplo caráter. O partido do proletariado, quando estabelece uma frente única com a burguesia, deve adotar uma política tanto de unidade como de luta. Sua política deve ser de união com a burguesia, à medida em que esta se incline a ser progressista, antiimperialista e antifeudal e, ao mesmo tempo, de luta contra as tendências reacionárias da burguesia ao compromisso e ao conluio com o imperialismo e as fôrças do feudalismo.

A concepção do mundo do partido do proletariado quanto ao problema nacional é o internacionalismo e não o nacionalismo. Na luta revolucionária, o partido do proletariado apoia o nacionalismo progressista e se opõe ao nacionalismo reacionário. Deve sempre demarcar a linha divisória com o nacionalismo burguês; jamais deve deixar-se cativar por êste.

A Declaração de Moscou de 1960 assinala:

"Os comunistas denunciam os intentos da ala reacionária da burguesia no sentido de apresentar seus estreitos interêsses egoistas de classe como interêsses de tôda a nação, bem como o uso demagógico que fazem das palavras de ordem socialistas, com o mesmo fim, os políticos burgueses."

Se, no transcurso da revolução, o proletariado converte-se em caudatário dos latifundiários e da burguesia, tornar-se-á impossível a vitória real e completa da re-

volução democrática nacional e inclusive se conquista alguma vitória será impossível consolidá-la.

No curso da luta revolucionária das nações e povos oprimidos, o partido do proletariado só pode levar até o fim a revolução democrática nacional e conduzí-la ao caminho do socialismo, se formular independentemente seu programa de luta radical contra o imperialismo e os reacionários internos e pela independência nacional e a democracia popular, se trabalhar independentemente entre as massas; desenvolver constantemente as fôrças progressistas, ganhar as fôrças intermediárias e isolar as fôrças reacionárias.

10— Nos países imperialistas e capitalistas, para resolver definitivamente as contradições da sociedade capitalista, é indispensável realizar a revolução proletária e a ditadura do proletariado.

Durante o cumprimento desta tarefa, o partido do proletariado deve, nas circunstâncias atuais, dirigir ativamente a classe operária e os demais trabalhadores na luta contra o capital monopolista, em defesa dos direitos democráticos, contra o perigo do fascismo, pelo melhoramento das condições de vida, contra a expansão armamentista e a preparação de guerra pelo imperialismo, em defesa da paz mundial e apoiando ativamente as lutas revolucionárias das nações oprimidas.

Nos países capitalistas que o imperialismo norte-americano controla ou trata de controlar, a classe operária e as massas populares devem concentrar o fogo contra o imperialismo norte-americano, assim como contra a burguesia monopolista e outras fôrças reacionárias internas que traem os interêsses nacionais.

As grandes lutas de massa verificadas nos países capitalistas durante os últimos anos demonstram que a classe

operária e os demais trabalhadores dêsses países experimentam um novo despertar. Suas lutas, que assestam golpes no capital monopolista e na reação, não só abrem perspectivas luminosas para a causa revolucionária em seus próprios países mas constituem também poderoso apoio à luta revolucionária dos povos asiáticos, africanos e latino-americanos, assim como para os países do campo socialistas.

Ao dirigir a luta revolucionária nos países imperialistas e capitalistas, os partidos proletários devem manter sua independência ideológica, política e orgânica. Ao mesmo tempo, devem unir tôdas as fôrças suscetíveis de serem unidas e formar uma ampla frente única contra o capital monopolista e contra a política imperialista de agressão e guerra.

Os comunistas dos países capitalistas, ao dirigir ativamente as atuais lutas, devem vinculá-las com a luta pelos interêsses de longo alcance da causa em seu conjunto, educar as massas no espírito revolucionário do Marxismo-leninismo, elevar incessantemente sua consciência política e tomar para si a tarefa histórica da revolução proletária. Proceder de outra maneira, considerar que o movimento imediato é tudo, determinar sua conduta conforme o caso, adaptar-se aos acontecimentos do dia e sacrificar os interêsses fundamentais do proletariado, isto é pura social-democracia.

A social-democracia é uma tendência ideológica burguesa. Lenin assinalou de há muito que os partidos social-democratas são destacamentos políticos da burguesia, seus agentes no movimento operário e seu principal sustentáculo social. Os comunistas devem, em tôda e qualquer ocasião, demarcar claramente a linha divisória com os partidos social-democratas quanto ao problema funda-

mental da revolução proletária e da ditadura do proletariado, eliminando a influência ideológica da social-democracia no movimento operário internacional e entre as massas operárias. Sem dúvida alguma, devem conquistar as massas que se acham sob influência dos partidos social-democratas e conquistar os elementos de esquerda e intermediários de tais partidos que estejam dispostos a lutar contra o capital monopolista interno e o contrôle do imperialismo estrangeiro, e devem desencadear amplas atividades conjuntas nas lutas diárias do movimento operário e na luta em defesa da paz mundial.

A fim de dirigir o proletariado e as demais massas trabalhadoras na revolução, os partidos marxistas-leninistas devem dominar tôdas as formas de luta e saber substituir ràpidamente uma forma por outra, conforme se alterem as condições. O destacamento de vanguarda do proletariado só será invencível em qualquer circunstância se dominar tôdas as formas de luta, pacífica e armada, aberta e secreta, legal e ilegal, parlamentar e de massas etc. É um êrro negar-se a utilizar a forma parlamentar e outras formas legais de luta, sendo possível e necessária. Entretanto, se um partido marxista-leninista incorre no cretinismo parlamentar ou no legalismo, limitando-se a lutar no marco permitido pela burguesia, desembocará invitàvelmente na renúncia da revolução proletária e da ditadura do proletariado.

11—A respeito do problema da transição do capitalismo para o socialismo, o partido do proletariado deve proceder de acôrdo com o ponto de vista da luta de classes e da revolução e apoiar-se na doutrina marxista-leninista sôbre a revolução proletária e a ditadura do proletariado.

Os comunistas preferem sempre realizar a transição para o socialismo pela via pacífica. Porém, pode-se fazer da

transição pacífica um novo princípio da estratégia mundial do movimento comunista internacional? Não, absolutamente não.

O Marxismo-leninismo sempre sustentou que o problema fundamental de tôda revolução é o problema do poder estatal. Tanto a Declaração de Moscou de 1957 como a de 1960 assinalam com clareza: "O Leninismo ensina — e a experiência o confirma — que as classes dominantes não cedem voluntàriamente o poder." Nenhum govêrno caduco virá abaixo, mesmo em tempos de crise, senão pela fôrça. Esta é uma lei geral da luta de classes.

Marx e Lenin formularam a questão da possibilidade do desenvolvimento pacífico da revolução em determinadas condições históricas. Porém, como assinalou Lenin, o desenvolvimento pacífico da revolução é "uma possibilidade extremamente rara na história das revoluções".

De fato, não há nenhum precedente de transição pacífica do capitalismo para o socialismo na história mundial.

Alguns dizem que não havia nenhum precedente quando Marx predisse que o socialismo substituiria inevitàvelmente o capitalismo. E perguntam: por que não podemos predizer, ainda que não haja precedente algum, uma transição pacífica do capitalismo para o socialismo?

Tal paralelo é absurdo. Marx, baseando-se no materialismo dialético e histórico, analisou as contradições da sociedade capitalista, descobriu as leis objetivas do desenvolvimento da sociedade humana e chegou a uma conclusão científica, enquanto os profetas que depositam suas esperanças na "transição pacífica" partem do idealismo histórico, ignoram as contradições fundamentais da sociedade capitalista, repudiam a doutrina marxista-leninista sôbre a luta de classes e chegam a uma con-

clusão subjetiva e infundada. Como podem obter ajuda de Marx os que repudiam o Marxismo?

Atualmente, é evidente para todo o mundo que os países capitalistas estão fortalecendo seu aparêlho estatal, e em particular seu aparêlho militar, o que tem como propósito, antes de mais nada, reprimir os povos de seus próprios países.

O partido do proletariado não deve absolutamente basear seu pensamento, sua política quanto à revolução e todo seu trabalho na suposição de que o imperialismo e os reacionários estão dispostos a aceitar a transformação pacífica.

O partido do proletariado deve preparar-se para as duas eventualidades, isto é, enquanto prepara-se para o desenvolvimento pacífico da revolução, deve preparar-se plenamente para um desenvolvimento não-pacífico. Deve concentrar sua principal atenção na árdua tarefa de acumular fôrças revolucionárias e preparar-se para conquistar a vitória da revolução quando as condições estejam maduras, ou para dar duros contragolpes no imperialismo e na reação, quando êstes lançem ataques de surpresa e acometidas armadas.

Se o partido proletariado não se prepara desta maneira, entorpecerá a vontade revolucionária do proletariado, desarmar-se-á ideològicamente, encontrar-se-á inteiramente desprevenido e passivo, política e orgânicamente, e, em conseqüência, enterrará a causa revolucionária do proletariado.

12 — As revoluções sociais nas diferentes etapas da história da humanidade são històricamente inevitáveis e se regem por leis objetivas, independentes da vontade do homem. A história demonstra que nunca houve qualquer

revolução capaz de conquistar a vitória sem zigue-zagues e sacrifícios.

A tarefa do partido do proletariado consiste em analisar, com base na teoria marxista-leninista, as condições históricas concretas, formular uma estratégia e uma tática corretas e conduzir as massas populares a evitar os escolhos e sacrifícios desnecessários e atingir a meta passo a passo. É possível evitar todo sacrifício? Êste não é o caso nas revoluções dos escravos, nas revoluções dos servos, nas revoluções burguesas, nem nas revoluções nacionais; tampouco o é nas revoluções proletárias. Ainda quando a linha dirigente da revolução seja correta é impossível garantir inteiramente que não se enfrentem certos reveses e sacrifícios no curso da revolução. Porém, sempre que se mantenha firmemente uma linhha correta, a revolução se coroará com a vitória. Renunciar à revolução, sob pretexto de evitar sacrifícios, significa na realidade condenar o povo para sempre à escravidão e a infinitos sofrimentos e sacrifícios.

O ABC do Marxismo-leninismo nos ensina que o parto de uma revolução é, afinal de contas, muito menos doloroso que o sofrimento crônico na velha sociedade. Lenin tinha razão quando dizia que a ordem capitalista, "ainda no curso mais pacífico dos acontecimentos, constante e inevitàvelmente, impõe incontáveis sacrifícios à classe operária".[1]

Não é absolutamente revolucionário quem considere que só se pode fazer a revolução se tudo marcha de vento em popá e se há uma garantia prévia contra todo o sacrifício ou fracasso.

Por difíceis que sejam as condições e quaisquer que sejam os sacrifícios e derrotas na revolução, os revolucio-

[1] "Nova Batalha", pag. 11, t. V, Obras Completas de Lenin.

nários proletários devem educar as massas no espírito revolucionário e sustentar firmemente a bandeira revolucionária em vez de abandoná-la.

Seria aventureirismo de "esquerda" o partido do proletariado iniciar imprudentemente uma revolução sem estarem ainda maduras as condições objetivas. E seria oportunismo de direita o partido do proletariado não se atrever a dirigir a revolução e a conquistar o poder estatal, estando maduras as condições.

Ainda em tempos comuns, o partido do proletariado, enquanto dirige as massas na luta diária, deve efetuar a preparação ideológica, política e orgânica de suas próprias fileiras e das massas populares para a revolução e fazer avançar a luta revolucionária, a fim de não perder a oportunidade para derrubar o domínio reacionário e estabelecer um novo poder estatal, caso contrário, mesmo que estejam maduras as condições objetivas, o partido do proletariado deixará simplesmente escapar a oportunidade de conquistar a vitória.

O partido do proletariado deve manter invariàvelmente um elevado espírito de princípio e também deve ser flexível, contraindo às vezes, compromissos necessários aos interesses da revolução. Porém, não se deve renunciar jamais à política de princípio e aos objetivos da revolução, sob pretexto de flexibilidade e de compromissos necessários.

O partido do proletariado deve dirigir as massas populares na luta contra os inimigos e saber utilizar as contradições entre êles existentes. Porém, a utilização destas contradições tem como propósito alcançar com maior facilidade os objetivos da luta revolucionária do povo e não a anular esta luta.

Inumeráveis fatos demonstraram que, onde quer que exista o tenebroso domínio do imperialismo e dos reacionários, o povo, que constitue mais de 90% da população, cedo ou tarde se levantará em revolução. Se os comunistas se alheiam das reivindicações revolucionárias das massas, perderão infalìvelmente sua confiança e obrigatòriamente serão deixados para trás pela torrente revolucionária.

Se a direção de um partido adota uma linha não-revolucionária e o converte num partido reformista, seu lugar na revolução será ocupado pelos marxistas-leninistas que existem dentro e fora do partido, os quais dirigirão o povo na revolução; ou, em outras circunstâncias, os revolucionários burgueses se apresentarão para dirigir a revolução e o partido do proletariado perderá a hegemonia da revolução. E quando a burguesia reacionária atraiçoar a revolução e reprimir o povo, a linha oportunista causará aos comunistas e às massas revolucionárias trágicos e desnecessários sacrifícios.

Se os comunistas enveredarem pelo caminho do oportunismo, degenerarão em nacionalistas burgueses e em apêndices do imperialismo e da burguesia reacionária.

Atualmente, certas pessoas afirmam que, depois de Lenin, elas é que deram a maior contribuição criadora à teoria revolucionária e só elas estão certas. Entretanto, é muito duvidoso que estas pessoas tenham refletido realmente sôbre a experiência geral de todo o movimento comunista mundial, que levem verdadeiramente em conta os interêsses, os objetivos e as tarefas do movimento proletário internacional em seu conjunto e que tenham realmente para o movimento comunista internacional uma linha geral que corresponda ao Marxismo-leninismo.

Conheceram-se nestes últimos anos muitas experiências e lições no movimento comunista internacional e no movimento de libertação nacional. Há experiências que merecem aplauso mas também há experiências penosas. Os comunistas e as massas revolucionárias de todos os países devem refletir e examinar conscientemente estas experiências de êxitos e fracassos, delas tirando conclusões corretas e lições úteis.

13 — Os países socialistas e a luta revolucionária dos povos e nações oprimidas se apoiam e ajudam-se mùtuamente.

O movimento de libertação nacional da Ásia, África e América Latina e o movimento revolucionário dos povos dos países capitalistas significam poderoso apoio aos países socialistas. Negar tal fato é inteiramente errado.

Quanto à luta revolucionária dos povos e nações oprimidas, os países socialistas não devem adotar senão uma atitude de cálida simpatia e de ativo apoio; não devem jamais agir negligentemente, nem dar mostras de egoísmo nacional ou de chauvinismo de grande nação.

Lenin disse: "A aliança com os revolucionários dos países adiantados e com todos os povos oprimidos, contra todos os imperialistas — tal é a política externa do proletariado."[1] Contraria o Marxismo-leninismo e o internacionalismo proletário quem não entende isto e considera como uma carga ou um favor o apoio e a ajuda que prestam os países socialistas aos povos e nações oprimidas.

A superioridade do sistema socialista e os êxitos dos países socialistas em sua edificação desempenham exemplar e alentador papel para os povos e nações oprimidas.

[1] "A política externa da Revolução Russa", pag. 72, t. XXV, Obras Completas de Lenin.

Entretanto, êste exemplar e alentador papel não pode, de nenhuma maneira, substituir a luta revolucionária dos povos e nações oprimidas. Êles só podem conquistar a libertação através de sua própria e decidida luta revolucionária.

Há quem exagere unilateralmente o papel da emulação pacífica entre os países socialistas e os países imperialistas e trata de substituir pela emulação pacífica a luta revolucionária de todos os povos e nações oprimidas. Segundo sua pregação, parece que o imperialismo desmoronará automàticamente nesta emulação pacífica e que a todos os povos e nações oprimidas não lhes resta senão esperar passivamente a chegada dêsse dia. Que tem isto em comum com os pontos de vista marxistas-leninistas?

Além disso, certas pessoas inventaram uma estranha história, segundo a qual a China e alguns outros países socialistas tratam de "desencadear guerras" e de divulgar o socialismo por meio de "guerras entre Estados". Semelhante história — como assinala a Declaração de Moscou de 1960 — não passa de uma calúnia lançada pelo imperialismo e pelos reacionários. Os que repetem tais calúnias almejam, para dizê-lo com sinceridade, o objetivo de encobrir o fato de que êles mesmos se opõem às revoluções dos povos e nações oprimidas e a que outros apoiem estas revoluções.

14 — Nos últimos anos, falou-se não pouco, mas muitíssimo, sôbre o problema da guerra e da paz. Nossos pontos de vista e nossa política a respeito dêste problema são conhecidos por todo o mundo e ninguém pode tergiversá-los.

É uma lástima que algumas pessoas no movimento comunista internacional, ainda que falem muito de seu amor pela paz e da aversão que têm pela guerra, não

queiram fazer o menor esfôrço para compreender a simples e cristalina verdade exposta por Lenin sôbre o problema da guerra.

Lenin disse: "Parece-me que o principal, o que usualmente as pessoas esquecem a respeito do problema da guerra, ao que dedicam insuficiente atenção, o principal, em tôrno do que se sustentam tantos debates, e, talvez, diria eu, debates vazios, estéreis e sem objetivo, é o problema sôbre de que caráter de classe se reveste a guerra, o que a engendra, que classes a fazem e que condições históricas e histórico-econômicas lhe dão origem."[1]

Na opinião dos marxistas-leninistas, a guerra é a continuação da política por outros meios e tôda guerra é inseparável do sistema político e das lutas políticas que a engendram. Quem se afasta desta tese científica do Marxismo-leninismo, comprovada por tôda a história da luta de classes, não poderá compreender jamais nem o problema da guerra nem o problema da paz.

Há diferentes tipos de paz e diferentes tipos de guerra. Os marxistas-leninistas devem ter bem claro de que tipo de paz e de que tipo de guerra se trata. Confundir as guerras justas com as injustas e opor-se a tôdas elas, sem fazer qualquer distinção, é um ponto de vista pacifista burguês e não marxista-leninista.

Há os que afirmam que as revoluções são inteiramente possíveis sem guerra. De que tipo de guerra se trata? Uma guerra de libertação nacional, uma guerra civil revolucionária ou uma guerra mundial?

Se se referem à guerra de libertação nacional e à guerra civil revolucionária, esta afirmação está, na realidade,

[1] "Guerra e revolução", pag. 367, t. XXIV, Obras Completas de Lenin.

dirigida contra as guerras revolucionárias, ou seja contra as revoluções.

Se se referem a uma guerra mundial, semelhante insinuação é como um tiro no vazio. Ainda que os marxistas-leninistas tenham assinalado, com base na história das duas guerras mundiais, o fato de que as guerras mundiais inevitàvelmente conduzem à revolução, nenhum marxista-leninista sustentou e jamais sustentará que a revolução é impossível sem uma guerra mundial.

Os marxistas-leninistas se propõem como seu ideal a eliminação das guerras e estão convencidos de que as guerras poderão ser abolidas.

Porém, como se podem eliminar as guerras?

Lenin o expôs assim:

"Nosso objetivo é conseguir o sistema social socialista que, ao abolir a divisão da humanidade em classes, ao eliminar tôda exploração do homem pelo homem e de uma nação por outra nação, inevitàvelmente, eliminará toda possibilidade de guerra."[1]

A Declaração de Moscou de 1960 assinala também com tôda clareza: "A vitória do socialismo no mundo inteiro suprimirá definitivamente as causas sociais e nacionais de todas as guerras."

Algumas pessoas chègam agora a considerar possível tornar realidade um "mundo sem armas, sem exércitos e sem guerras", através do "desarmamento geral e completo", apesar da existência do imperialismo e do sistema de exploração do homem pelo homem. Trata-se de uma ilusão inteiramente infundada.

O ABC do Marxismo-leninismo nos ensina ser o exército a parte principal da máquina estatal e que o chamado

[1] "Guerra e revolução" pags. 367/368, t. XXIV, Obras Completas de Lenin.

mundo sem armas e sem exércitos só pode ser um mundo sem Estado. Lenin disse:

"Só depois de haver desarmado a burguesia, poderá o proletariado, sem trair sua missão histórico-mundial, converter em sucata todo tipo de armas, e assim o fará indubitàvelmente o proletariado, porém, só então; de nenhum modo antes."[1]

Qual é a realidade mundial? Onde se encontra o menor indício de que os países imperialistas encabeçados pelos EE. UU. estariam dispostos a realizar o desarmamento geral e completo? Acaso não estão todos êles entregues a uma expansão armamentista geral e completa?

Sempre consideramos que, com o propósito de denunciar e combater a expansão armamentista e a preparação de guerra pelo imperialismo, é necessário propor o desarmamento total. Através da luta conjunta dos países do campo socialista e de todos os povos, é possível obrigar os imperialistas a aceitar certo tipo de acôrdo sôbre o desarmamento.

Considerar o desarmamento geral e completo como o caminho fundamental da luta pela paz mundial, difundir a ilusão de que o imperialismo pode depor voluntàriamente as armas e, sob pretexto de desarmamento, refrear a luta revolucionária dos povos e nações oprimidas significa enganar deliberadamente os povos e ajudar os imperialistas a aplicar sua política de agressão e guerra.

Para desfazer a presente confusão ideológica no movimento operário internacional a respeito do problema da guerra e da paz, consideramos que estas teses de Lenin, abandonadas pelos revisionistas contemporâneos, devem ser restabelecidas no interêsse da luta contra a política

[1] "O programa militar da revolução proletária", pag. 77, t. XXIII, Obras Completas de Lenin.

imperialista de agressão e guerra e em defesa da paz mundial.

A prevenção de uma nova guerra mundial é uma exigência universal de todos os povos. É possível prevenir uma nova guerra mundial.

A questão agora é a seguinte: qual deve ser o caminho da luta pela paz mundial? Do ponto de vista leninista, a paz mundial só pode ser conseguida através da luta de todos os povos e não com súplicas aos imperialistas. Só é possível defender eficazmente a paz mundial, apoiando-se no desenvolvimento das fôrças do campo socialista, na luta revolucionária do proletariado e dos demais trabalhadores de todos os países, na luta de libertação das nações oprimidas e na luta de todos os povos e países amantes da paz.

Nisto consiste a política leninista. Tôda política que isto contrarie não pode conduzir de maneira nenhuma à paz mundial; só pode estimular as ambições imperialistas e aumentar o perigo de uma guerra mundial.

Nos últimos anos, certas pessoas vêm difundindo o argumento, segundo o qual uma simples chispa da guerra de libertação nacional ou da guerra revolucionária popular pode conduzir a uma conflagração mundial que destruirá tôda a humanidade. Que demonstram os fatos? Exatamente o contrário: as inúmeras guerras de libertação nacional e guerras revolucionárias populares ocorridas após a II Grande Guerra não levaram a nenhuma guerra mundial. As vitórias destas guerras revolucionárias debilitam diretamente a fôrça do imperialismo e reforçam consideràvelmente as fôrças que impedem o imperialismo de desencadear uma guerra mundial, além de defender a paz. Acaso não demonstram os fatos como são absurdos tais argumentos?

15 — A completa proibição e a destruição total das armas nucleares constituem importante tarefa na luta em defesa da paz mundial. Devemos nos esforçar ao máximo neste sentido.

As armas nucleares têm uma capacidade destruidora sem precedentes, e eis aqui porque os imperialistas norte-americanos aplicam, há mais de dez anos, a política de chantagem nuclear, tratando de realizar, desta maneira, sua ambição de escravizar os povos de todos os países e estabelecer seu domínio mundial.

Porém, ao ameaçar outros países com armas nucleares, os imperialistas também colocam os povos de seus próprios países sob semelhante ameaça e assim os levam a levantar-se contra as armas nucleares e a política imperialista de agressão e guerra. Ao mesmo tempo, no vão propósito de destruir seus adversários com armas nucleares, os imperialistas colocam-se na realidade a si mesmos sob ameaça de destruição.

Existe, realmente, a possibilidade de se conseguir a proibição das armas nucleares. Entretanto, se os imperialistas se vêm obrigados a aceitar um acôrdo sôbre a proibição de tais armas, não o farão, de nenhuma maneira, por seu "amor" à humanidade mas sob a pressão de todos os povos e em consideração a seus próprios interêsses vitais.

Ao contrário dos imperialistas, os países socialistas apoiam-se nas justas fôrças do povo e em sua própria e acertada política, e não necessitam absolutamente brincar com as armas nucleares na arena internacional.

Se os países socialistas possuem armas nucleares, é única e exclusivamente para defender-se e impedir que os imperialistas desencadeiem uma guerra nuclear.

Na opinião dos marxistas-leninistas, o povo é o criador da história. Em todo o curso da história, o homem foi e continua sendo o fator decisivo. Os marxistas-leninistas dão importância ao papel que desempenham as transformações no campo da técnica, porém, é errôneo menosprezar o papel do homem e exagerar o da técnica.

O aparecimento das armas nucleares não pode deter o avanço da história da humanidade nem salvar o sistema imperialista de sua ruína, da mesma forma que o aparecimento de tal ou qual nova técnica não pode salvar nem um só sistema decrépito de sua ruína.

O aparecimento das armas nucleares não resolveu nem pode resolver as contradições fundamentais do mundo contemporâneo, não alterou nem pode alterar a lei da luta de classes e não transformou nem pode transformar a natureza do imperialismo e dos reacionários.

Portanto, não se pode afirmar que, com o evento das armas nucleares, desapareceram a possibilidade e a necessidade das revoluções sociais e nacionais e se tenham tornado antiquadas e se transformado em "dogmas" obsoletos as teses fundamentais do marxismo-leninismo, especialmente a tese da revolução proletária e da ditadura do proletariado e a tese de guerra e da paz.

16 — Foi Lenin quem formulou a tese segundo a qual os países socialistas podem praticar a coexistência pacífica com os países capitalistas. Como é do conhecimento de todos, depois que o grande povo soviético rechaçou a intervenção armada estrangeira, o Partido Comunista da União Soviética e o Govêrno soviético, sob a direção de Lenin, e depois sob a de Stalin, seguiram conseqüentemente a política de coexistência pacífica e o povo soviético só se viu obrigado a empreender uma guerra de auto-

defesa quando os imperialistas alemães lançaram um ataque à União Soviética.

Desde sua proclamação, a República Popular da China também segue invariàvelmente a política de coexistência pacífica com países de sistema social diferente e a China é a precursora dos Cinco Princípios da Coexistência Pacífica.

Entretanto, nos últimos anos, algumas pessoas passaram sùbitamente a apresentar a política de coexistência pacífica, formulada por Lenin, como um "grande descobrimento" seu e se apresentam como donos do monopólio da interpretação desta política. Tratam a "coexistência pacífica" como se fôsse uma onímoda e misteriosa escritura divina, a que atribuem tôdas as conquistas e êxitos dos povos em suas lutas. E, o que é mais, a todos os que não estejam de acôrdo com a tergiversação que fazem dos critérios de Lenin, acusam de inimigos da coexistência pacífica, de pessoas que não sabem nada de Lenin nem do Leninismo e de hereges que devem ser excomungados.

Como podem os comunistas chineses concordar com êste critério e com êste procedimento? É impossível.

O princípio de coexistência pacífica de Lenin é claro e de fácil compreensão para as pessoas mais simples. A coexistência pacífica refere-se às relações entre os países de sistema social diferente, e ninguém pode interpretá-la conforme suas conveniências. A coexistência pacífica não deve estender-se jamais às relações entre nações oprimidas e nações opressoras ou entre classes oprimidas e classes opressoras; não deve considerar-se jamais como o principal conteúdo da transição do capitalismo para o socialismo e muito menos como o caminho da humanidade para o socialismo. A razão consiste em que uma é a coexistência pacífica entre países com sistema social

diferente, na qual nenhum dos países coexistentes pode, nem se lhe permite tocar um cabelo que seja do sistema social alheio, e outra coisa é a luta de classes, a luta de libertação nacional e a transição do capitalismo para o socialismo nos diferentes países, que são lutas revolucionárias, renhidas, de vida ou de morte, destinadas a transformar o sistema social. A coexistência pacífica não pode, de maneira nenhuma, fazer as vêzes da luta revolucionária dos povos. A transição do capitalismo para o socialismo, em qualquer país, só pode realizar-se através da revolução proletária e da ditadura do proletariado.

No processo de aplicação da política de coexistência pacífica, inevitàvelmente, ocorrem lutas entre os países socialistas e os países imperialistas nos terrenos político, econômico e ideológico e é absolutamente impossível uma "cooperação geral".

É necessário que os países socialistas realizem negociações de um ou outro tipo com os países imperialistas. Contando com uma acertada política dos países socialistas e com a pressão das massas populares de todos os países, é possível realizar certos acôrdos através de negociações. Entretanto, os compromissos necessários entre os países socialistas e os países imperialistas não exigem que os povos e nações oprimidas estabeleçam, por sua vez, compromissos com o imperialismo e seus lacaios. Ninguém deve pretender, em nenhuma circunstância, sob pretexto de coexistência pacífica, que os povos e nações oprimidas renunciem à luta revolucionária.

A aplicação da política de coexistência pacífica pelos países socialistas contribue para criar uma situação internacional pacífica para a construção do socialismo, para desmascarar a política imperialista de agressão e guerra e para isolar as fôrças imperialistas de agressão e guerra.

Porém, se a linha geral da política externa dos países socialistas limita-se à coexistência pacífica, é impossível resolver corretamente os problemas das relações entre os países socialistas, bem como os problemas das relações entre os países socialistas e os povos e nações oprimidas. Portanto, é errôneo fazer da coexistência pacífica a linha geral da política externa dos países socialistas.

Em nossa opinião, a linha geral da política externa dos países socialistas deve ter o seguinte conteúdo: desenvolver as relações de amizade, ajuda mútua e cooperação entre os países do campo socialista, de acôrdo com o princípio do internacionalismo proletário; esforçar-se para realizar a coexistência pacífica com os países de sistema social diferente, com base nos Cinco Princípios, e opor-se à política imperialista de agressão e guerra; apoiar a luta revolucionária de todos os povos e nações oprimidas. Estes três aspectos estão interligados e são inseparáveis; nenhum deles pode ser omitido.

17 — A continuação da luta de classes durante um longo período histórico, depois da tomada do poder pelo proletariado, constitue uma lei objetiva, independente da vontade do homem, só que neste caso a forma da luta de classes difere da anterior à tomada do poder.

Após a Revolução de Outubro, Lenin assinalou em sucessivas ocasiões:

a) os exploradores derrubados tentam de mil e uma maneiras, recuperar o "paraíso" que lhes foi arrebatado;

b) na esfera pequeno-burguesa, engendram-se constantemente, por geração espontânea, novos elementos capitalistas;

c) devido à influência burguesa, assim como ao cêrco e à atividade corruptora do ambiente pequeno-burguês, também podem surgir elementos degenerados ou novos

burgueses nas fileiras da classe operária e entre os funcionários das instituições do Estado;

d) o cêrco capitalista internacional, a ameaça de intervenção armada e as intrigas de desintegração pacífica por parte do imperialismo constituem as condições externas da continuação da luta de classes nos países socialistas.

A vida confirmou estas conclusões de Lenin.

Em nenhum país socialista, ainda que decorridos decênios, inclusive depois da industrialização socialista e da coletivização da agricultura, pode-se dizer que já não existam lacaios burgueses, parasitas, especuladores, malandros, vadios, patifes, desfalcadores de fundos públicos e outros elementos dessa jaça, gente que Lenin denunciou enèrgicamente e em repetidas ocasiões; tampouco pode-se dizer que aos países socialistas já não lhes faz falta cumprir ou que já lhes seja possível abandonar a tarefa, formulada por Lenin, de "vencer êsse contágio, essa peste, essa chaga que o socialismo herda do capitalismo."

Nos países socialistas, requer-se um longo período histórico para resolver gradualmente a questão de "quem vencerá quem" — o socialismo ou o capitalismo. A luta entre o caminho do socialismo e o do capitalismo abrange todo êste período histórico. Esta luta, às vezes, intensifica-se e às vezes se abranda, transcorre onduladamente e em certas ocasiões torna-se inclusive, muito violenta. Suas formas são diversas.

A Declaração de Moscou de 1957 diz muito bem: "Para a classe operária, a tomada do poder não é mais que o comêço da revolução e não seu objetivo final".

É incorreto e contrário à realidade objetiva e ao Marxismo-leninismo negar a existência da luta de classes no período de ditadura do proletariado e negar a neces-

sidade de levar até o fim a revolução socialista nas frentes econômica, política e ideológica.

18 — Tanto Marx como Lenin sustentavam que todo o período anterior à entrada na fase superior da sociedade comunista é o período de transição do capitalismo para o comunismo, o período de ditadura do proletariado. Neste período de transição, a ditadura do proletariado, ou seja, o Estado proletário, passa por um processo dialético de estabelecimento, consolidação, fortalecimento e extinção gradual.

Na "Crítica do Programa da Gotha", Marx formulou a seguinte questão:

"Entre a sociedade capitalista e a sociedade comunista, medeia o período da transformação revolucionária da primeira na segunda. A êste período corresponde também um período político de transição, cujo Estado não pode ser outro senão a ditadura revolucionária do proletariado."[1]

Lenin assinalou com freqüência a grande teoria de Marx sôbre a ditadura do proletariado e analisou o desenvolvimento desta teoria, particularmente em sua grande obra "O Estado e a Revolução", em que escreveu:

"(. . .) a transição da sociedade capitalista — que se desenvolve rumo ao comunismo —, para a sociedade comunista, é impossível sem um 'período político de transição', e o Estado dêste período não pode ser outro senão a ditadura revolucionária do proletariado."[2]

Acrescentou Lenin:

---

[1] Obras Escolhidas de Marx e Engels (Edição em dois volumes), pag. 31, t. II da edição de 1961, publicada pela Casa Editora Popular de Pequim.

[2] Obras Completas de Lenin, pag. 446, t. XXV.

"A essência da teoria de Marx sôbre o Estado só a assimila quem tenha compreendido que a ditadura de uma classe é necessária, não só para tôda a sociedade de classes em geral, não só para o proletariado depois de derrubar a burguesia mas também para todo o período histórico que separa o capitalismo da 'sociedade sem classes' do comunismo."[1]

Como se expõe logo atrás, a tese fundamental de Marx e Lenin é a seguinte: a ditadura do proletariado existe inevitàvelmente ao longo de todo o período histórico de transição do capitalismo para o comunismo, ou seja, até a abolição de tôdas as diferenças de classe e o ingresso numa sociedade sem classes, ou seja, a fase superior da sociedade comunista.

Que sucederá se, a meio caminho, se declara que já deixa de ser necessária a ditadura do proletariado?

Acaso, isto não contradiz radicalmente a doutrina de Marx e Lenin sôbre o Estado de ditadura do proletariado?

Acaso, isto não significaria dar livre curso ao desenvolvimento "dêsse contágio, dessa peste, dessa chaga que o socialismo herda do capitalismo"?

Em outras palavras: isto conduzirá a conseqüências extremamente graves, e não se poderia nem falar em transição para o comunismo.

Pode haver um "Estado de todo o povo"? Será possível substituir o Estado de ditadura do proletariado por um "Estado de todo o Povo"?

Este não é um problema interno de tal ou qual país mas um problema fundamental que diz respeito à verdade universal do Marxismo-leninismo.

Do ponto de vista dos marxistas-leninistas, não existe nenhum Estado que não seja de classe ou que esteja acima

---

[1] Obras Completas de Lenin, pag. 400, t. XXV.

das classes. Enquanto o Estado permaneça como Estado, deve revestir-se invariàvelmente de um caráter de classe; enquanto exista, o Estado não poderá ser "de todo o povo". Tão logo se extingam as classes, deixará de existir o Estado.

Então, que coisa é o "Estado de todo o povo"?

Quem quer que tenha um conhecimento elementar do Marxismo-leninismo, sabe que o chamado "Estado de todo o povo" não é nada de novo. Os representantes da burguesia sempre consideram o Estado burguês "Estado de todo o povo" ou "Estado cujo poder pertence a todo o povo".

Alguns dirão que a sua já é uma sociedade sem classes. Nós responderemos: Nada disso; existem classes e luta de classes em todos os países socialistas, sem nenhuma exceção.

Posto que ainda existem remanescentes das antigas classes exploradoras, desejosos de levar a cabo a restauração, posto que nascem constantemente novos elementos capitalistas e que existem ainda parasitas, especuladores, malandros, vadios, patifes, desfalcadores de fundos públicos etc., como se pode negar a existência de classes e de lutas de classes? Como se pode dizer que deixou de ser necessária a ditadura do proletariado?

O Marxismo-leninismo nos ensina que a ditadura do proletariado, ao cumpir sua missão histórica, além de reprimir as classes hostis, deve, no curso da construção socialista, resolver acertadamente os problemas das relações entre a classe operária e o campesinato, consolidar sua aliança política e econômica e criar condições para a eliminação gradual das diferenças de classe entre os operários e os camponeses.

Do ponto de vista da base econômica da sociedade socialista, existem em todos os países socialistas, sem exceção, diferenças nas formas de propriedade, isto é, existem a propriedade de todo o povo e a propriedade coletiva; também existe ainda a propriedade individual. A propriedade de todo o povo e a propriedade coletiva são dois tipos de propriedade e dois tipos de relações de produção na sociedade socialista. Os operários que trabalham nas emprêsas de propriedade de todo o povo e os camponeses que trabalham nas granjas de propriedade coletiva pertencem a diferentes categorias de trabalhadores na sociedade socialista. Portanto, em todos os países socialistas, sem exceção, existem diferenças de classe entre os operários e os camponeses. Estas diferenças só desaparecerão quando se passar à fase superior do comunismo. Atualmente, a julgar pelo nível de desenvolvimento econômico, todos os países socialistas estão ainda longe, muito longe, da fase superior do comunismo, em que se aplicará o princípio "de cada qual, segundo sua capacidade; a cada qual, segundo suas necessidades". Assim, pois, se requer ainda um período muito longo, para eliminar as diferenças de classe entre os operários e os camponeses. E, enquanto não tiverem sido eliminadas estas diferenças de classe, será impossível dizer que a sociedade seja uma sociedade sem classes e que se possa prescindir da ditadura do proletariado.

Qualificar um estado socialista de "Estado de tòdo o povo" não significaria, por acaso, substituir a doutrina marxista-leninista do Estado pela doutrina burguesa do Estado? Não seria substituir o Estado de ditadura do proletariado por um Estado de outro caráter?

Assim sendo, isto não pode significar senão um grande retrocesso no curso do desenvolvimento histórico. A dege-

neração do sistema social na Iugoslávia constitue uma séria lição.

19 — O leninismo entende que, nos países socialistas, o partido do proletariado deve existir paralelamente à ditadura do proletariado. Durante todo o período histórico da ditadura do proletariado, o partido proletário é indispensável. Isto porque, sem a direção de tal partido, a ditadura do proletariado não está em condições de levar a cabo a luta contra os inimigos do proletariado e do povo, reeducar os camponeses e demais pequenos produtores, consolidar constantemente as fileiras do proletariado, construir o socialismo e realizar a transição para o comunismo.

Pode haver um "partido de todo o povo"? Será possível substituir o partido do proletariado, a vanguarda dêste, por um "partido de todo o povo"?

Êste não é tampouco um problema interno de tal ou qual partido mas um problema fundamental que diz respeito à verdade universal do Marxismo-leninismo.

Segundo os marxistas-leninistas, não há nenhum partido que não seja de classe ou que esteja acima das classes. Todos os partidos políticos têm um caráter de classe. O espírito de partido é a expressão concentrada do caráter de classe.

O partido do proletariado é o único partido capaz de representar os interêsses de todo o povo. É capaz de fazê-lo, precisamente porque representa os interêsses do proletariado e encarna suas idéias e aspirações. É capaz de dirigir todo o povo, porque o proletariado pode libertar-se definitivamente a si mesmo só com a emancipação de tôda a humanidade; porque, por sua natureza de classe, sabe focalizar os problemas do ponto de vista do proletariado e em função de seus interêsses presentes e futuros;

porque é absolutamente fiel ao povo e está imbuido do espírito de auto-sacrifício. Disto tudo resulta o centralismo democrático e a disciplina férrea. Sem um partido dêste tipo, é impossível manter a ditadura do proletariado e representar os interêsses do povo.

Que sucederá se, a meio caminho, antes de entrar na fase superior da sociedade comunista, declara-se que o partido do proletariado converteu-se em "partido de todo o povo" e se nega seu caráter proletário?

Acaso, isto não contradiz radicalmente a doutrina de Marx e Lenin sôbre o partido do proletariado?

Acaso, isto não significa desarmar, orgânica e moralmente, o proletariado e todos os trabalhadores, servindo à restauração do capitalismo?

Falar em transição para a sociedade comunista, nestas circunstâncias, não equivaleria a "ir para o sul num carro dirigido para o Norte"?

20 — Nos últimos anos, violando a verdadeira teoria de Lenin sôbre a relação entre os chefes, o partido, as classes e a massa, certas pessoas vêm agitando a chamada "luta contra o culto da personalidade". Isto é errado e nocivo.

A doutrina de Lenin consiste em:

a) as massas dividem-se em classes;

b) as classes são geralmente dirigidas por partidos políticos;

c) os partidos políticos são, em geral, dirigidos por grupos mais ou menos estáveis de pessoas, as mais autorizadas, influentes, experientes, eleitas para os cargos mais importantes e consideradas chefes.

Lenin disse: "Tudo isto é o ABC."

O partido do proletariado é seu Estado Maior revolucionário e combativo. Todo partido do proletariado

deve exercer o centralismo baseado na democracia e estabelecer uma firme direção marxista-leninista antes de poder erigir-se em vanguarda organizada e combativa. Levantar a chamada "luta contra o culto da personalidade" significa, na realidade, contrapor os chefes às massas, socavar a direção única do partido baseada no centralismo democrático, debilitar a fôrça de combate do partido e desintegrar suas fileiras.

Lenin criticou os pontos de vista incorretos que contrapõem os chefes às massas. Afirmou tratar-se de "um ridículo absurdo, uma imbecilidade".

O Partido Comunista da China sempre se opôs ao exagero do papel do indivíduo, tem defendido e aplicado persistentemente o centralismo democrático dentro do Partido e advoga a ligação da direção com as massas, considerando que, para dirigir com acerto, deve-se saber sintetizar as opiniões das massas.

Certas pessoas vêm desenvolvendo intensamente a chamada "luta contra o culto da personalidade", quando na realidade fazem todo o possível para difamar o partido e a ditadura do proletariado. Ao mesmo tempo, não lhes escapa nenhum meio para exagerar o papel de certos indivíduos, imputando a outros todos os erros e a si mesmo atribuíndo todos os êxitos.

Mais grave ainda é que, sob o pretexto de "luta contra o culto da personalidade", certas pessoas intervenham grosseiramente nos assuntos internos de outros partidos e países irmãos e alterem pela fôrça a composição da direção dêsses partidos, a fim de impor-lhes sua linha incorreta. Que é tudo isto senão chauvinismo de grande nação, sectarismo, divisionismo e atividade subversiva?

Já é tempo de fazer uma séria e completa divulgação da verdadeira teoria de Lenin sôbre as relações entre chefes, partido, classes e massa.

21 — As relações entre os países socialistas são relações internacionais de novo tipo. As relações entre os países socialistas, grandes ou pequenos, econômicamente mais desenvolvidos ou menos desenvolvidos, devem basear-se nos princípios da plena igualdade, do respeito à integridade territorial, do respeito à soberania estatal e à independência e da não ingerência de uns nos assuntos internos de outros; devem basear-se também nos princípios do apoio recíproco e ajuda mútua no espírito do internacionalismo proletário.

Em sua construção, cada país socialista deve apoiar-se principalmente em suas próprias fôrças.

De acôrdo com suas condições concretas, cada país socialista deve apoiar-se, antes de mais nada, no trabalho tenaz e na capacidade de seu próprio povo, utilizar plenamente e de modo planificado todos os seus recursos disponíveis e pôr em jogo todo seu potencial na construção socialista. Só desta maneira poderá construir o socialismo eficazmente e desenvolver ràpidamente sua economia.

Só dêste modo poderá, cada país socialista, fortalecer o poderio do campo socialista em seu conjunto e desenvolver sua capacidade para prestar ajuda à causa revolucionária do proletariado internacional; portanto, aplicar na construção o princípio de apoiar-se principalmente em suas próprias fôrças é a expressão concreta do internacionalismo proletário.

Se um país socialista, considerando tão sòmente seus próprios interêsses, exige unilateralmente que outros países irmãos se sujeitem às necessidades

dele e, sob pretexto de opor-se à chamada "edificação no isolamento" e ao chamado "nacionalismo", opõe-se a que outros países irmãos se atenham, em sua edificação, ao princípio de apoiar-se principalmente em suas próprias fôrças e a que desenvolvam independentemente sua economia ou chega a exercer sôbre êles pressão econômica, estas sim são manifestações de verdadeiro egoísmo nacional.

É de todo necessário que os países socialistas desenvolvam no terreno econômico a ajuda mútua, a colaboração e o intercâmbio. Semelhante colaboração econômica deve basear-se nos princípios da plena igualdade, do benefício mútuo e da ajuda recíproca, de acordo com espírito de camaradagem.

É chauvinismo de grande nação negar êstes princípios fundamentais e, em nome da "divisão internacional do trabalho" ou da "especialização", impor sua própria vontade a outros, violando a independência e a soberania de outros países irmãos e prejudicando os interêsses de seus povos.

É ainda mais absurdo adotar, nas relações entre os países socialistas, o método de lucrar às custas de outro, método que caracteriza as relações entre os países capitalistas e considerar que a "integração econômica" e o "mercado comum" estabelecidos pelos monopólios capitalistas, com o propósito de apoderar-se dos mercados e repartir os lucros, possam servir de exemplo aos países socialistas em sua ajuda mútua e colaboração econômica.

22 — As Declarações de Moscou de 1957 e de 1960 estabelecem os princípios que regem as relações entre os partidos irmãos, a saber: o princípio de união, o princípio de apoio e ajuda mútuas, o princípio de independência e igualdade e o princípio de unanimidade através

de consultas, todos êles baseados no Marxismo-leninismo e no internacionalismo proletário.

Notamos que, em sua carta de 30 de março, o CC do PCUS declara que, no movimento comunista, não há partidos "superiores" nem "inferiores", que todos os partidos comunistas são independentes e iguais e que todos êles devem basear suas relações no internacionalismo proletário e na ajuda mútua.

Uma das qualidades preciosas dos comunistas consiste em que suas palavras coincidam com seus atos. O único caminho acertado para defender e fortalecer a unidade entre os partidos irmãos é observar verdadeiramente e não violar o princípio do internacionalismo proletário, observar verdadeiramente e não infringir os princípios que regem as relações entre os partidos irmãos, fazendo tudo isto não apenas por palavras mas, o que é ainda mais importante, demonstrando-o com fatos.

Se se reconhece o princípio de independência e igualdade nas relações entre os partidos irmãos, é inadmissível colocar-se a si mesmo acima de outros partidos irmãos, interferir em seus assuntos internos ou empregar métodos patriarcais nas relações com os mesmos.

Se se reconhece que não há "superiores" nem "inferiores" nas relações entre os partidos irmãos, é inadmissível impor a outros partidos irmãos o programa, as resoluções e a linha do próprio partido como "programa comum" do movimento comunista internacional.

Se nas relações entre os partidos irmãos se aceita o princípio de chegar à unanimidade através de consultas, não se deve assinalar "quem está em maioria" e "quem está em minoria", nem se deve utilizar uma chamada "maioria", a fim de impor sua linha incorreta e levar a cabo uma política sectária e divisionista.

Se se concorda que as divergências entre os partidos irmãos devem ser solucionadas através de consultas internas, não se deve atacar pública e nominalmente outros partidos irmãos, em congressos do próprio partido ou de outros partidos, em discursos de dirigentes do partido, em resoluções, declarações etc., e muito menos estender as divergências ideológicas entre partidos irmãos à esfera das relações entre Estados.

Sustentamos que, nas circunstâncias atuais, em que existem divergências no movimento comunista internacional, é particularmente importante assinalar a estrita observância dos princípios que regem as relações entre os partidos irmãos, estabelecidos nas duas Declarações de Moscou.

Atualmente, nas relações entre os partidos e países irmãos, destaca-se o problema das relações entre a União Soviética e a Albânia. Esta questão consiste em saber qual a maneira correta de tratar as relações entre os partidos e países irmãos, bem como os princípios que regem as relações entre os mesmos, estabelecidos nas duas Declarações de Moscou. A correta solução dêste problema é de importância de princípio para a manutenção da unidade do campo socialista e do movimento comunista internacional.

Uma coisa é como tratar o Partido Albanês do Trabalho — fraternal partido marxista-leninista. Outra coisa é como tratar a camarilha revisionista da Iugoslávia — traidora do Marxismo-leninismo. De nenhuma maneira devem ser colocadas no mesmo plano estas duas questões de natureza radicalmente diversa.

Em vossa carta, dizeis que não renunciais à "idéia de que as relações entre o PCUS e o Partido Albanês do Trabalho podem ser melhoradas", mas, ao mesmo tempo

continuais atacando os camaradas albaneses, acusando-os de "atividades divisionistas". Evidentemente isto é contraditório e não contribui para a solução do problema das relações soviético-albanesas.

Quem assumiu atitudes divisionistas nas relações soviético-albanesas?

Quem estendeu à esfera das relações estatais as divergências ideológicas entre os partidos soviético e albanês?

Quem revelou pùblicamente ante o inimigo as divergências entre os partidos soviético e albanês e entre os dois Estados?

Quem reclamou abertamente a mudança da direção do Partido e do Estado da Albânia?

Isto está muito claro para todo o mundo.

É possível que os camaradas dirigentes do PCUS não sintam de fato sua responsabilidade pelo agravamento, tão sério atualmente, das relações soviético-albanesas?

Manifestamos uma vez mais a sincera esperança de que os camaradas dirigentes do PCUS se atenham aos princípios que regem as relações entre os partidos e países irmãos e tomem a iniciativa de buscar vias eficazes para o melhoramento das relações entre a União Soviética e a Albânia.

Em suma, a solução dos problemas das relações entre os partidos e países irmãos é uma questão que deve ser abordada com tôda seriedade. Só a estrita observância dos princípios que regem as relações entre os partidos e países irmãos pode ser a réplica mais contundente às calúnias, como a do "dedo de Moscou", lançadas pelos imperialistas e reacionários.

O internacionalismo proletário é uma exigência para todos os partidos, sem exceção, sejam grandes ou pequenos, estejam ou não no poder. Entretanto, os

partidos grandes e os que estão no poder têm uma responsabilidade particularmente grande a êsse respeito. Uma série de dolorosos acontecimentos ùltimamente ocorridos no campo socialista tem prejudicado não só os interêsses dos partidos irmãos em questão mas também os interêsses das massas populares de seus países. Êste fato demonstra eloqüentemente que os grandes países e partidos devem ter presente o legado de Lenin, não cometendo jamais o êrro de chauvinismo de grande nação.

Os camaradas do PCUS declaram em sua carta que "o PCUS nunca deu nem dará um só passo que possa semear entre os povos de nosso País a hostilidade para com o povo fraternal chinês ou outros povos". Não pretendemos recordar aqui os inúmeros e desagradáveis fatos que tiveram lugar no passado. Oxalá que, de agora em diante, os camaradas do PCUS observem rigorosamente em suas atividades esta declaração.

Durante os últimos anos, ainda que nos tenhamos enfrentado com tôda uma série de graves infrações dos princípios que regem as relações entre os partidos e países irmãos, ainda que nos tenham ocasionado muitas dificuldades e prejuízos, os membros de nosso partido e de nosso povo deram provas de grande moderação. O espírito do internacionalismo proletário dos comunistas e do povo chineses passou airosamente por uma prova severa.

Invariàvelmente fiel ao internacionalismo proletário, o PCCh sustenta e defende conseqüentemente os princípios que regem as relações entre os partidos e países irmãos, estabelecidos nas duas Declarações de Moscou, e trata ininterruptamente de defender e reforçar a unidade do campo socialista e do movimento comunista internacional.

23 — A fim de levar à prática o programa comum do movimento comunista internacional, unânimemente aprovado pelos partidos irmãos, é preciso sustentar uma irreconciliável luta contra o oportunismo de todo tipo contrário ao Marxismo-leninismo.

As duas Declarações de Moscou assinalam que o revisionismo — ou seja, o oportunismo de direita — é o principal perigo no movimento comunista internacional e que o revisionismo iugoslavo é o representante do revisionismo contemporâneo.

A Declaração de Moscou de 1960 assinala particularmente:

"Os partidos comunistas condenaram unânimemente a variante iugoslava do oportunismo internacional como expressão concentrada das 'teorias' dos revisionistas contemporâneos."

A Declaração de Moscou de 1960 continua:

"Traíndo o Marxismo-leninismo e declarando-o caduco, os dirigentes da Liga dos Comunistas da Iugoslávia contrapuseram seu programa revisionista antileninista à Declaração de Moscou de 1957; contrapuseram a LCI a todo o movimento comunista internacional; afastaram seu país do campo socialista, colocando-o na dependência da chamada "ajuda" dos imperialistas norte-americanos e de outros países."

A Declaração de Moscou de 1960 assinala mais adiante:

"Os revisionistas iugoslavos realizam um trabalho de sapa contra o campo socialista e o movimento comunista internacional. Sob o pretexto de aplicar uma política à margem dos blocos, desenvolvem atividades prejudiciais à unidade de tôdas as fôrças e Estados amantes da paz."

Portanto, a Declaração de Moscou de 1960 chega à seguinte conclusão:

"Ante os partidos marxistas-leninistas, continua formulada a imperiosa tarefa de continuar denunciando os dirigentes dos revisionistas iugoslavos e de lutar ativamente para impedir a penetração de suas idéias anti-leninistas no movimento comunista e no movimento operário".

O problema aqui formulado é um importante problema de princípio no movimento comunista internacional.

Ainda há pouco, a camarilha de Tito declarou abertamente que persiste em seu programa revisionista e em sua posição antimarxista-leninista, contrária às duas Declarações de Moscou.

De há muito, o imperialismo norte-americano e seus parceiros da OTAN (Organização do Tratado do Atlântico Norte) gastam milhares de milhões de dólares para sustentar a camarilha de Tito. Sob o manto de "Marxismo--leninismo" e ostentando a bandeira de "país socialista", a camarilha de Tito vem minando o movimento comunista internacional e a causa revolucionária dos povos, portando-se como destacamento especial do imperialismo norte-americano.

As afirmações de que na Iugoslávia se observam "certas tendências positivas", que a Iugoslávia é um "país socialista" e que a camarilha de Tito é uma "fôrça antiimperialista" não correspondem em absoluto à realidade e são inteiramente infundadas.

Agora, há os que tentam introduzir a camarilha revisionista da Iugoslávia na comunidade socialista e nas fileiras do movimento comunista internacional, rompendo abertamente a resolução aprovada por unanimidade na Conferência dos Partidos Irmãos de 1960. Isto é absolutamente inadmissível.

Nos últimos anos, a difusão da corrente revisionista no movimento operário internacional, assim como muitas experiências e lições no movimento comunista mundial, confirmam plenamente a justeza da conclusão das duas Declarações de Moscou, segundo a qual, o revisionismo é hoje o principal perigo no movimento comunista internacional.

Entretanto, alguns afirmam abertamente ser o dogmatismo e não o revisionismo o principal perigo, ou que o dogmatismo não é menos perigoso que o revisionismo etc. Em que princípio se baseiam?

Um marxista-leninista conseqüente e, um verdadeiro partido marxista-leninista dão primazia aos princípios. Não devem negociar com os princípios, aprovar ora isto ora aquilo e pronunciar-se hoje por uma coisa e amanhã por outra.

A fim de defender a pureza do Marxismo-leninismo e a posição de princípio das duas Declarações de Moscou, os comunistas chineses continuarão, com todos marxistas-leninistas, a irreconciliável luta contra o revisionismo contemporâneo.

Ao combater o revisionismo — principal perigo no movimento comunista internacional —, os comunistas devem também lutar contra o dogmatismo.

Como se assinala na Declaração de Moscou de 1957, os partidos proletários "devem ater-se firmemente aos princípios da conjugação da verdade universal do Marxismo-leninismo com a prática concreta da revolução e da construção em seus países".

Isto quer dizer: por um lado, é necessário ater-se sempre à verdade universal do Marxismo- leninismo, sob pena de cometer-se o êrro de oportunismo de direita ou de revisionismo. Por outro lado, é preciso per-

manentemente partir da realidade, manter estreitos vínculos com as massas, sintetizar constantemente a experiência de luta das massas e elaborar e aplicar independentemente uma política e uma tática conforme as condições do próprio país. Cometer-se-á o êrro de dogmatismo se se proceder de outra maneira, copiando mecânicamente a política e a tática de outro partido comunista, obedecendo às cegas a vontade de outros e aceitando, sem análise como sua própria linha o programa e as resoluções de outro partido comunista.

Alguns violam agora precisamente êste princípio fundamental, de há muito afirmado pela Declaração de Moscou de 1957. Sob pretexto de "desenvolver de maneira criadora o Marxismo-leninismo", renunciam à verdade universal de Marxismo-leninismo. Além disso, fazem passar por "verdade universal do Marxismo-leninismo" uma receita nascida de conjeturas subjetivas e divorciadas da realidade e das massas, obrigando outros a aceitá-la incondicionalmente.

Eis aqui a origem de muitos e graves fenômenos atualmente registrados no movimento comunista internacional.

24 — A mais importante experiência do movimento comunista internacional consiste em que o desenvolvimento e triunfo de uma revolução dependem da existência de um partido revolucionário do proletariado.

Deve haver um partido revolucionário.

Deve haver um partido revolucionário criado com base na teoria revolucionária e no estilo revolucionário do Marxismo-leninismo.

Deve haver um partido revolucionário que saiba integrar a verdade universal do Marxismo-leiinismó com a prática concreta da revolução em seu próprio país.

Deve haver um partido revolucionário que saiba ligar estreitamente a direção com as amplas massas populares.

Deve haver um partido revolucionário, que preserve a verdade, corrija seus erros e que saiba conduzir a crítica e a autocrítica.

Só um partido revolucionário dêste tipo será capaz de conduzir o proletariado e as amplas massas populares à vitória sôbre o imperialismo e seus lacaios, conquistar o triunfo definitivo da revolução democrática nacional e lograr a vitória da revolução socialista.

Se um partido não é um partido revolucionário proletário, e sim um partido reformista burguês;

se não é um partido marxista-leninista, e sim um partido revisionista;

se não é um partido de vanguarda do proletariado, e sim um partido caudatário da burguesia;

se não é um partido que representa os interêsses do proletariado e das amplas massas trabalhadoras, e sim um partido que representa os interêsses da aristocracia operária;

se não é um partido internacionalista e sim um partido nacionalista:

se não é um partido capaz de pensar e julgar por si mesmo e adquirir um conhecimento exato das tendências das diferentes classes em seu próprio país, através de séria investigação e estudo, e que saiba integrar a verdade universal do Marxismo-leninismo com a prática concreta de seu próprio país, e sim um partido que repete cegamente as palavras de outros, copia a experiência alheia, sem analisá-la e dá reviravoltas obedecendo a batuta de certas pessoas do estrangeiro, ou seja, um partido que é uma "salada mista" em que há de tudo — revisionismo, dogmatismo e outras coisas, menos princípios marxistas-

leninistas, então, semelhante partido não pode, absolutamente dirigir a luta revolucionária do proletariado e das amplas massas populares, conquistar a vitória da revolução nem cumprir a grande missão histórica do proletariado.

Esta é uma questão sôbre a qual todos os marxistas-leninistas, todos os operários politicamente conscientes e todos os progressistas do mundo devem refletir profundamente.

25 — Os marxistas-leninistas têm a responsabilidade de distinguir entre o certo e o errado nas divergências surgidas no movimento comunista internacional. Considerando os interêsses comuns da unidade na luta contra o inimigo, sempre nos pronunciamos pela solução dos problemas através de consultas internas e contra a revelação das divergências ante o inimigo.

Como é do conhecimento dos camaradas do PCUS, a polêmica pública no movimento comunista internacional foi provocada por dirigentes de certos partidos irmãos e nos foi imposta.

Já que se provocou a polêmica pública, esta só pode ser conduzida com base na igualdade entre os partidos irmãos, com base na democracia, apresentando os fatos e aclarando a verdade.

Em nossa opinião, já que dirigentes de certos partidos atacaram abertamente outros partidos irmãos e provocaram a polêmica pública, não têm razão nem direito de proibir que os partidos irmãos atacados lhes dêm resposta pública.

Posto que dirigentes de certos partidos publicaram inúmeros artigos atacando outros partidos irmãos, por que não publicam em sua própria imprensa os artigos que êstes partidos irmãos escreveram em resposta?

Nos últimos tempos, o PCCh foi objeto dos mais absurdos ataques. Os atacantes, gritando a plenos pulmões e fazendo caso omisso dos fatos, nos imputaram inúmeras acusacões por eles forjadas. Publicamos em nossa imprensa os artigos e discursos em que nos atacam.

Publicamos também integralmente em nossa imprensa o informe feito por um dirigente da União Soviética, dia 12 de dezembro de 1962, na Sessão do Soviete Supremo; o artigo da redação do "Pravda" de 7 de janeiro de 1963; o discurso pronunciado dia 16 de janeiro de 1963 pelo chefe da delegação do PCUS no VI Congresso do Partido Socialista Unificado da Alemanha, e o artigo da redação do "Pravda" de 10 de fevereiro de 1963.

Também publicamos os textos completos das duas cartas do CC do PCUS, datadas de 21 de fevereiro e 30 de março de 1963.

Demos resposta a alguns dos artigos e discursos em que certos partidos irmãos nos atacam, porém, não respondemos ainda a outros. Por exemplo, não respondemos diretamente os inúmeros artigos e discursos dos camaradas do PCUS.

Entre 15 de dezembro de 1962 e 8 de março de 1963, escrevemos sete artigos, em resposta aos que nos atacavam. Êstes artigos intitulam-se:

"Proletários de todos os países, unamo-nos para lutar contra nosso inimigo comum",

"As divergências entre o camarada Togliatti e nós",

"O Leninismo e o revisionismo contemporâneo",

"Unamo-nos com base nas duas Declarações de Moscou",

"De onde procedem as divergências? — Resposta ao camarada Thorez e outros camaradas",

"Uma vez mais sôbre as divergências entre o camarada Togliatti e nós — Alguns importantes problemas do Leninismo no mundo contemporâneo",

"Comentário sôbre a Declaração do Partido Comunista dos Estados Unidos".

Quando, ao final de vossa carta de 30 de março, acusais a imprensa chinesa de haver lançado "ataques gratuitos", contra o PCUS, vos referis provàvelmente a êstes artigos. É uma total tergiversação da verdade descrever como "ataques" nossos artigos em resposta aos atacantes.

Já que qualificais nossos artigos como "gratuitos", e péssimos, por que não publicais, tal como o fizemos com os vossos, êstes sete artigos que qualificais de "ataques gratuitos", para que todos os camaradas soviéticos e todo o povo soviético reflitam e julguem por si mesmo quem está certo e quem está errado. E claro que vós também podeis refutar, ponto por ponto, êstes artigos que qualificais de "ataques infundados".

Pretendeis que nossos artigos são "infundados" e que nossos argumentos são incorretos; porém, não dais a conhecer ao povo soviético nossos verdadeiros argumentos tais como são. Dificilmente se pode considerar que vosso procedimento revele uma séria atitude ante o debate entre os partidos irmãos, ante a verdade e ante as massas.

Esperamos que se ponha fim à polêmica pública entre os partidos irmãos. Êste problema deve ser tratado de acôrdo com os princípios de independência, igualdade e de unânimidade através de consultas entre os partidos irmãos. No movimento comunista internacional, ninguém tem o direito de lançar ataques quando bem entender e ordenar a "cessação da polêmica pública' a fim de impedir que a outra parte responda.

Como sabem os camaradas do PCUS, desejando criar uma atmosfera favorável à convocação de uma conferência dos partidos irmãos, decidimos suspender temporàriamente, a partir de 9 de março de 1963, as réplicas públicas aos ataques públicos e diretos contra nós dirigdos por camaradas de partidos irmãos. Reservamo-nos o direito de responder pùblicamente.

Em nossa carta de 9 de março, dissemos que a respeito do problema da cessação da polêmica pública, "é necessário que nossos dois partidos e os partidos irmãos interessados realizem discussões, a fim de chegar a um acôrdo justo e aceitável para todos.

Tudo o que dissemos aqui reflete nossas opiniões sôbre a linha geral do movimento comunista internacional e sôbre certas questões de princípio com ela relacionados. Como afirmamos no início desta carta, esperamos que esta franca exposição de nossas opiniões contribua para a compreensão mútua. Certamente, os camaradas podem concordar ou não com estas opiniões. Porém, a nosso juízo, todos os problemas aqui abordados são problemas centrais a que deve estar atento e dar solução o movimento comunista internacional. Esperamos que todos estes problemas, assim como aquêles propostos em vossa última carta, sejam amplamente discutidos nas conversações entre nossos dois partidos e na conferência de representantes de todos os partidos irmãos.

Além dêstes, há outros problemas de interêsse comum, tais como a crítica de Stalin e alguns importantes problemas de princípio concernentes ao movimento comunista internacional, formulados no XX e XXII Congressos do PCUS. Sôbre êstes problemas, também esperamos que haja uma franca troca de opiniões nas conversações.

No que se refere às conversações entre nossos dois partidos, propusemos em nossa carta de 9 de março que viesse à Pequim o camarada Cruchov; se isto fôsse inconveniente, poderia o CC do PCUS enviar uma delegação presidida por outro camarada responsável ou enviaríamos nós uma delegação a Moscou.

Como declarais em vossa carta de 30 de março, o camarada Cruchov não poderia vir à China e, como não manifestastes o desejo de enviar uma delegação a nosso País; então o CC do PCCh decidiu enviar uma delegação a Moscou.

Em vossa carta de 30 de março, convidais o camarada Mao Tse-tung a visitar a União Soviética. Dia 23 de fevereiro, em sua entrevista com o embaixador soviético na China, o camarada Mao Tse-tung expôs claramente as razões pelas quais não está disposto a visitar a União Soviética no presente momento. Estais perfeitamente a par disto.

Um camarada responsável do CC do PCCh recebeu, dia 9 de maio, o embaixador soviético na China e, por seu intermédio, vos informou que enviaríamos uma delegação a Moscou em meados de junho. Mais tarde, em vista do desejo do CC do PCUS, concordamos com o adiamento das conversações entre nossos dois partidos para 5 de julho.

Esperamos sinceramente que as conversações entre os partidos chinês e soviético cheguem a resultados positivos e contribuam para a convocação de uma conferência de representantes dos partidos comunistas e operários de todos os países.

Agora é mais necessário que nunca que todos os comunistas se unam com base no Marxismo-leninismo e no internacionalismo proletário, com base nas duas Declarações de Moscou, unânimemente aprovadas pelos partidos irmãos.

Juntamente com os demais partidos marxistas-leninistas e as massas revolucionárias de todo o mundo, o PCCh está disposto a continuar desenvolvendo esforços infatigáveis para defender os interêsses do campo socialista e do movimento comunista internacional, da causa da libertação dos povos e nações oprimidas e da luta contra o imperialismo e pela paz mundial.

Esperamos que no movimento comunista internacional, não mais se verifiquem fenômenos que só magoem os que nos são caros e próximos e que sòmente satisfaçam ao inimigo.

Nós, os comunistas chineses, estamos firmemente convencidos de que os marxistas-leninistas, o proletariado e as massas revolucionárias de todo o mundo unir-se-ão ainda mais estreitamente, vencerão todo tipo de dificuldades e obstáculos e conquistarão vitórias ainda maiores na luta contra o imperialismo, em defesa da paz mundial, na luta pelo progresso da causa revolucionária dos povos e na causa internacional do comunismo.

Proletários de todos os países, uni-vos!

Proletários, povos e nações oprimidas de todo o mundo, uni-vos!

Lutemos contra nosso inimigo comum!

Com saudações comunistas,

O Comitê Central do
Partido Comunista da China

14 de junho de 1963.

关于国际共産主义运动总路綫的建議
中国共産党中央委員会对蘇聯共産党中央委員会
一九六三年三月三十日来信的復信

*

外文出版社出版（北京）
1963年第一版
編号（節）300—658
00044

3—P—557p

21